

Sensações do morar e a concretização de moradia para idosos egressos de um albergue

Sensations of living and the materialize a way of living for the elderly who living in hostel

Ana Carolina Lopez da Silva
Gisnelli Bataglia Mincache
Maria Aparecida de Souza Rosa
Vanessa Idargo Mutchnik

RESUMO: Este artigo trata da pesquisa intitulada “Sensações do Morar”, realizada pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) da PUC-SP, acerca dos diversos modos de moradia. A pesquisa revela que a capacidade de decidir, a liberdade de ações e o incremento das relações sociais propiciam e permitem ao idoso se sentir em casa. O estudo apresenta ainda a concretização de um modo de morar para idosos que passam a compartilhar uma moradia, com o suporte de uma organização não-governamental, idosos esses que antes residiam em albergue para pessoas em situação de rua. Apresentamos o percurso dessa convivência e as dificuldades para consolidar um modo de morar que possibilite um elo afetivo entre as pessoas e o lugar.

Palavras-chave: Sensação; Idosos; Albergue e Moradia.

***ABSTRACT:** This article deals with the research entitled "Sensations of living", performed by the Center for Study and Research on Aging at PUC-SP, the different modes of housing. The research shows that the capacity to decide, freedom and social relationships provide and allow the elderly to feel at home. The study has yet to materialize a way of living for the elderly who come to share a house with the support of a nongovernmental organization, and that people living in hostel for the homeless. Introducing the course of this interaction and the difficulties in consolidating a way of living that allows emotional bond between people and place.*

Keywords: Feeling; Elderly; Shelter and Housing.

Introdução

A pesquisa “Sensações do Morar” apresenta as diferentes sensações do morar para os idosos, a partir da identificação destas para homens e mulheres, para o idoso em diferentes níveis de dependência, e promove a reflexão entre os profissionais que trabalham com idosos sobre a sensação do morar no processo de envelhecimento e na velhice. Este estudo deseja contribuir socialmente na elaboração de propostas que compreendam a subjetividade existente nas moradias destinadas aos idosos e quais aspectos fazem o idoso se sentir em casa. Ao considerar a questão da moradia e do seu significado para o idoso, formulamos a seguinte pergunta: *O que faz o idoso se sentir em casa?*

Para responder a tal questão, desenvolvemos estudo com abordagem qualitativa, constituído de entrevistas individuais semi-estruturadas e levantamento da literatura na área que deu suporte teórico à discussão do tema.

A escolha do público-alvo se deu de acordo com a discussão do grupo, tendo-se designado, a partir das próprias experiências profissionais, oito categorias diferentes de moradias de idosos, sendo as seguintes: - idoso que mora com a família; - família que mora com o idoso; - idoso em situação de rua; - idoso que mora em ILPI; - idoso que mora em flat; - idoso que mora em condomínios para idosos; - idoso que mora em república; - idoso que mora sozinho.

Considerando que, na sociedade capitalista ocidental moderna, o curso da vida é socialmente padronizado (infância, juventude, vida adulta e velhice), envolvendo todas as dimensões do mundo doméstico, profissional e de consumo em geral, é preciso enfatizar o sentido das mudanças e novos arranjos familiares que um grupo de idosos (que cresce dia a dia em vitalidade e organização) provoca na reorganização do poder, do trabalho, da economia, cultura e moradia. É dar novo significado ao fenômeno do envelhecimento ao se pensar no assunto como questão pública e não “problema social”, em que o foco são a decadência física e a inatividade, destituindo muitos sujeitos de sua condição autônoma.

Acreditamos que, durante as entrevistas, foi possível perceber, na fala dos sujeitos, aspectos subjetivos carregados da história de culturas e gerações em relação às sensações, às moradias, em forma de *Habitus* (Minayo, 2000). O *Habitus* está

explicitado no que disseram os idosos, o que caracteriza as especificidades das rotinas, igualando-as, concomitantemente, ao mesmo grupo social.

Essa forma de contato social presente na entrevista é relevante à proposta da pesquisa para compreender, no que disseram os sujeitos, a expressão de sensação de estar em casa, pois a compreensão de “sujeitos” necessita da observação das “subjetividades”, e não apenas das generalizações. Segundo Bakhtin, encontrado em Minayo (2000: 110),

Existe uma parte muito importante da comunicação ideológica que não pode ser vinculada a uma esfera ideológica particular: trata-se da comunicação da vida cotidiana. O material privilegiado da vida cotidiana é a palavra.

As entrevistas foram feitas em região da cidade de São Paulo, grande ABC e litoral sul paulista, facilitada pelo contato, em vínculo profissional ou social, com os entrevistados.

A abordagem aos sujeitos da pesquisa foi feita pelos entrevistadores, em local e horário previamente agendados, não obrigatoriamente na residência.

Apresentou-se verbalmente aos entrevistados o projeto da pesquisa, além do Documento de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I), para concordância. Após dirimidas as dúvidas, iniciava-se a entrevista, com a utilização de gravador. Cada entrevista durou, no máximo, duas horas, por causa do tempo disponível do grupo para transcrição das fitas e tratamento dos dados.

Durante a entrevista, os pesquisadores utilizaram diário de bordo, com questionário orientador. Ao final de cada fala perguntava-se: *“Quais aspectos você considera positivos e quais considera negativos em relação à sua moradia atual?”*.

As entrevistas foram feitas por meio de gravação de voz, e contaram com a participação de 4 (quatro) integrantes do grupo de pesquisa como entrevistadores, considerando a facilidade de contatar os sujeitos entrevistados. As pesquisadoras entrevistaram 16 (dezesesseis) pessoas, sendo 2 (duas) de cada categoria de moradia descrita anteriormente.

As informações obtidas nas entrevistas foram analisadas aos pares e apresentadas de acordo com a relevância ao tema que trata de Sensações, a fim de

confrontar os dados apresentados pelos sujeitos à bibliografia consultada. Não houve contato com familiares, instituições e demais entidades envolvidas, que pudessem influenciar diretamente o conteúdo dos depoimentos.

Tratar a questão da moradia e o quanto significa o morar para o idoso, a partir da experiência profissional de cada componente do grupo no trabalho domiciliar, suscitou a pergunta: “*O que faz você se sentir em casa?*”. Queremos, por meio da pesquisa, identificar as Sensações do Morar e contribuir com o planejamento de “lugares” que privilegiem e considerem esses aspectos, ao propor moradias para idosos.

Moradia

Moradia é temática fundamental quando se trabalha o envelhecimento. Compreender as diferentes Sensações do Morar é mister, ao se pensar nos novos arranjos e formas de morar.

Para compreender essas questões, buscamos inicialmente as definições:

Sentir: “Perceber por qualquer meio dos órgãos dos sentidos; experimentar (sensação física ou moral); ser sensível a; opinião; modo de ver; sentimento”. (Ferreira.1986)

Sensação: “Impressão produzida num órgão dos sentidos por objetos exteriores, transmitida ao cérebro pelos nervos e determinante de um juízo ou conceito”. (Bueno, 2007)

Morar é habitar, conviver... Morar bem é morar livre, leve e solto de obrigações estranhas ao assunto. (Donini, 2006).

De acordo com essa visão, percebemos a necessidade de procurar informações sobre moradia, fundamentadas na arquitetura e no desenho universal. Aprendemos que na história das moradias o conceito de “casa” sofreu grandes alterações, até os dias atuais, nas quais há várias propostas de moradia para idosos.

A arquitetura moderna tinha como uma das premissas básicas “ensinar a morar, ou seja, doutrinar os usuários com a forma correta de utilizar a máquina de morar”. (Sudsilowsky, 2002).

A visão de espaço residencial destinado ao idoso, atualmente, fundamenta-se nas

ciências da saúde, que determinam diversas adaptações ambientais para resguardar a integridade do sujeito idoso.

Um “novo conceito de moradia que visa oferecer aos idosos uma ambientação mais adequada, segura e confortável, que lhes dê mais independência: uma vida caseira de qualidade e dignidade”. (Casa Segura, 2009)

Compreendemos a importância de todas as adaptações e os benefícios que as alterações talvez tragam aos sujeitos que delas necessitam. Porém, deve-se lamentar que a espontaneidade se perca ao longo da vida.

Se hoje o ser humano tem condições de escolher onde e como morar, esse arbítrio vem carregado de *informações* e *sensações* que, importantes ou não, devem seguir pela vida, atuando como guia. Assim como na infância, não é possível erigir a cabana ideal, sem considerar o lugar onde será montada ou o caminho que leva até lá. (Donini, 2006)

Conforme os autores pesquisados, com frequência as sensações se relacionam às lembranças das residências da primeira infância, que se perdem em alguns momentos, de acordo com as demandas sociais que se apresentam no capitalismo.

A profusão de informações existentes ajuda muito pouco, quando não atrapalha. Fala-se demais de estilo, tendências, móveis, eletroeletrônicos, cores e materiais incríveis, mas pouquíssimo de algo fundamental – a interpretação do próprio espaço. (Donini, 2006)

Segundo Bachelard (1974: 358), “a casa é o nosso canto no mundo”. Isso implica dizer que a casa é o centro de referência, o grande berço, aconchego e proteção, desde o nascimento. As lembranças da casa permanecem guardadas na memória, no inconsciente, e nos acompanham durante toda a existência. E nos sonhos sempre a elas voltamos.

Viver em uma moradia representa mais do que espaço físico, pois é o lugar em

que a vida acontece diariamente, e no qual laços afetivos são construídos ou esgarçados.

O meio em que se vive, com as múltiplas relações, nutrem a identidade. A identidade do idoso é construída socialmente na inter-relação dos mesmos com as representações do que é ser idoso em nossa sociedade.

Tuan (1980: 247) corrobora o pensamento quando afirma ser essa relação que determina o valor atribuído ao espaço, quando há diferença entre a visão do visitante e a do morador. Para o visitante, meramente estético. Para o morador, significativamente mais abrangente.

Há distinção entre lugar e espaço, segundo Tuan (1983: 61):

(...) o lugar é fechado, íntimo e humanizado; já o espaço seria qualquer porção da superfície terrestre, amplo, desconhecido, temido ou rejeitado, e provocaria a sensação de medo, sendo totalmente desprovido de valores e de qualquer ligação afetiva. Neste contexto, lugar está contido em espaço.

Witold (2002: 223) reflete sobre o bem-estar doméstico como necessidade fundamental, profundamente enraizada no ser humano, e que precisa ser satisfeita. Se isso não se der no presente (a satisfação), é natural que seja procurada na tradição. O autor ainda ressalta a importância de serem redescobertos, pelos indivíduos, os mistérios do conforto. Sem o conforto, essencial, a casa será máquina, e não verdadeiramente um lar.

A sensação de pertencimento ao local acontece quando há a transformação do espaço em casa, em lar. Isso ocorre no dia a dia da casa, na rotina do cotidiano, pois sujeito e seu cotidiano são partes inter-relacionadas e constitutivas. Etimologicamente, cotidiano significa “cada dia”, é a unidade de medida da sucessão da vida humana, feita de um dia após o outro. (Kujawsky, 1988)

Pessoal e inconfundível, o cotidiano se revela no mundo compartilhado, social e cultural. A integridade desse cotidiano é pressuposto para a construção de projetos pessoais, o que ocorre a partir de atividades da rotina diária, em que o espaço de uma casa com significado se torna lugar próprio, privado, doméstico, feito para si, no qual se guardam objetos, lembranças e segredos.

Portanto, é importante considerar que a casa é feita de detalhes e de imprevisibilidades. As situações imprevisíveis possibilitam ao sujeito meios de elaborar sua condição autônoma dentro de cada espaço.

Para Saraceno (1999), existem diferenças entre “estar” e “habitar”. “Estar” designa pouca ou nenhuma relação de propriedade do lugar, do espaço no qual se vive, por parte do indivíduo. “Habitar” refere-se a grau maior de propriedade do espaço em que se vive e participação mais intensa na organização material e simbólica desse espaço.

O cotidiano é construído dia a dia com o fazer singular do indivíduo em diferentes contextos sociais dos quais participa. (Takatori, 2001). E quando o sujeito não se reconhece em seu cotidiano? Quando é conduzido a produzir a ação massificada, mecanizada, sem significados pessoais, incapaz de produzir auto-reconhecimento no próprio fazer. Dessa forma, compreendemos que a rotina do cotidiano de uma moradia pode ser organizadora ou desestruturante, potencializada pela fragilidade do sujeito idoso.

É que agora – aqui dentro – a casa foi ficando meio empoeirada, como se toda essa mobília sentimental não tivesse sendo mais usada, a janela foi deixada aberta e tanto vento foi passando, levando as cores dos retratos e deixando o pó como ressarcimento. Aqui em casa não tem mais conforto, tudo virou incômodo, e às vezes nem em casa eu me sinto (...). (Cáh Morandi¹)

Nos tempos atuais, são distintas as formas de morar. É imprescindível pensar em cada uma, a fim de se perceber a sensação de morar que proporcionam. Os rearranjos atuais das moradias de idosos se apresentam de diferentes formas e variadas propostas sociais.

Idoso que mora com a família

¹ Fonte: <http://pensador.uol.com.br/frase/NTE2ODY3/>

Alguns aspectos são importantes na determinação da “necessidade” do idoso para cor-residência: condições de saúde, autonomia, condição financeira, associada à perda da capacidade laboral.

Pequena proporção de idosos reside em casa de parentes. Identifica-se o perfil dessa população como dos mais velhos, mais pobres, que trabalham menos, apresentam piores condições de saúde e menor independência funcional. Há indicações de que, em algum grau, dependem da ajuda dos filhos. A “dependência” deve estar associada ao avanço da idade, ao aparecimento de doenças crônico-degenerativas e incapacidades físicas. Existe a constatação empírica de que são idosos mais jovens cuidando de idosos mais velhos. O avanço da longevidade permite que o idoso se aposente em boas condições físicas e de saúde, sendo possível exercer o papel de cuidador de idosos mais velhos. (Camarano & El Ghaouri, 2002).

Em países da América Latina e da Ásia, é elevada a co-residência de pais idosos e filhos, embora tenha decrescido no Japão e Coreia. (Palloni, 2001 & Mason, 1992). No entanto, ainda cabe aos filhos, nos países asiáticos, o cuidado com os pais idosos.

Na Região Norte do Brasil, a proporção de idosos que coabitam com filhos e/ou outros parentes é de 70,5% (a maior proporção entre as cinco regiões brasileiras); o Nordeste é a segunda em que essa coabitação se destaca, com 68,3%, característica de regiões com famílias de menor poder aquisitivo. (IBGE).

Família que mora com o idoso

Dos domicílios onde residem os idosos, em 86% eles são chefes ou cônjuges. O aumento da taxa de chefia da população idosa tem sido tendência ao longo dos anos e permite deduzir que há redução na dependência dos idosos. Existe proporção expressiva e crescente de filhos morando nesses domicílios, que apresentam renda domiciliar per capita mais elevada e menor proporção de pobres. A grande maioria são domicílios próprios, em que a renda dos idosos, no orçamento, é substancial, motivo pelo qual se destaca a importância da renda do benefício social. (Camarano, 2002)

Idoso em situação de rua

Oliveira (2001), em sua dissertação de mestrado, estudou dez idosos em situação de rua, momentaneamente em albergues. Ele ressalta que, em sua maioria, provinham de famílias com baixo poder econômico, o que determina a necessidade de trabalhar desde a infância, acarretando prejuízos posteriores, baixa escolaridade e falta de trabalho qualificado, iniciando na infância um processo reproduzido, que perdura por toda a vida.

Segundo estudo da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social de São Paulo, desenvolvido em 621 albergues, há tendência ao envelhecimento da população albergada: em 2000, 12,7% das pessoas tinham 55 anos ou mais; em 2003, 19,9%, e, na atual pesquisa, de 2006, a população idosa representa 23,1%. Em 2000, a idade média dos adultos albergados era de 41,2 anos, e hoje a média é de 44,7 anos.

No estudo de Fernandes, Raizer e Bretãs (2007), observa-se que não se encontra nenhum idoso acima de 70 anos em albergues. Não há explicação para o fato, porém hipóteses podem ser levantadas. O indivíduo deve estar hígido a fim de poder sobreviver na rua. A maioria é andarilha, em busca de comida, acolhimento e proteção. Uma vez perdida a capacidade física de se locomover pela cidade, as estratégias de sobrevivência são prejudicadas. Daí, a dúvida e o questionamento: - *Morrem ou são acolhidos por alguma entidade ou instituição de longa permanência?*

Nas trajetórias de vida dos moradores de rua há a ruptura de laços familiares, abandono de papéis carregados de responsabilidade e de afetividade. Isso se reflete na efemeridade dos vínculos afetivos que estabelecem na rua. Ao mesmo tempo em que há a ruptura familiar, a dependência institucional se evidencia. A dependência, caracterizada pelo uso de equipamentos de assistência, favoreceria a fixação dessa população nas ruas.

No estudo de Fernandes *et al.*, os 20 sujeitos estudados, usuários do abrigo na cidade de São Paulo, não se percebiam como moradores de rua, o que leva a pensar novamente na questão: - *O que nos faz sentir em casa?*

Idoso que mora em ILPI

A Política Nacional do Idoso define asilo como o atendimento ao idoso em regime de internato, sem vínculo familiar ou condições de prover a própria subsistência, de modo a satisfazer necessidades de moradia, alimentação, saúde e convivência social. A lei declara a priorização do atendimento dos idosos pela própria família, negando-se o atendimento asilar. De acordo com a lei, devem ser assistidos pelos asilos os idosos que não possuem grupo familiar ou não têm condições de garantir a própria sobrevivência.

Houve mudança no perfil de idosos institucionalizados: antigamente, eram institucionalizados em consequência da pobreza e falta de suporte familiar; atualmente, entretanto, predominam nas instituições idosos com incapacidade e dependência física e/ou cognitiva, e morbidades crônicas não transmissíveis. (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 2007).

Há procura cada vez maior por instituições que prestam assistência a idosos. A procura é maior para indivíduos com idade mais avançada e/ou maior grau de dependência. (Born & Boecht, 2006).

Apesar de a sociedade, em grande parte, crer que o lugar mais adequado para o idoso é ao lado da família, tem-se que levar em consideração as mudanças ocorridas, que transformaram a estrutura familiar. (Born & Boechat, 2006).

A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), em 2002, adotou a expressão “Instituição de Longa Permanência para Idosos” (ILPI), tradução do termo inglês “Long Term Care Institution”, para nomear estabelecimentos de atendimento integral institucional. Neles, o público atendido são pessoas com 60 anos ou mais, dependentes ou independentes, que não dispõem de condições para permanecer com a família ou em seu domicílio.

A primeira instituição destinada aos velhos no Brasil foi construída em 1790, em uma chácara, com o objetivo de abrigar soldados portugueses que participaram da guerra contra Espanha e França em 1762, e estavam velhos e cansados do trabalho, e pelos serviços prestados mereciam descanso na velhice. (Filizzola, 1972)

Como há no Brasil grande diversidade cultural e desigualdade social, as instituições para idosos acompanham esse perfil nos padrões de qualidade, atendimento e infra-estrutura.

Idoso que mora em flat

A opção de moradia em flat se destina às classes A e AB. O Residencial Santa Catarina de São Paulo, inaugurado há nove anos, foi o primeiro flat residencial brasileiro de luxo destinado à terceira idade. Pioneiro no país, segue a tendência do mercado que, nos Estados Unidos, é chamado de senior's housing. Nos EUA, esse tipo de serviço já demandou mais de US\$ 2 bilhões em investimentos, e envolve cerca de um milhão de residentes norte-americanos de terceira idade. (Portal do Envelhecimento, 2006)

Idoso que mora em condomínios para idosos

Os condomínios para idosos, diferentemente dos flats, são opção para a população de baixa renda, alternativa encontrada pelos governos para atender à população de idosos carentes. No Paraná, foram projetadas 40 casas para atender exclusivamente às necessidades de pessoas da terceira idade. As 40 casas beneficiarão pessoas idosas, de baixa renda, cadastradas no Programa Habitacional Minha Casa, da Diretoria de Habitação da Secretaria de Desenvolvimento Urbano, Planejamento e Habitação. A finalidade maior do investimento é a proteção às pessoas idosas em situação de vulnerabilidade social. Para isso, a iniciativa prevê várias atividades internas e externas, desenvolvidas com os moradores do condomínio.

Em São Paulo, o governo do Estado anunciou a implantação do Projeto Condomínio República da Melhor Idade, parceria entre as Secretarias de Estado da Habitação/CDHU e Assistência e Desenvolvimento Social. O objetivo é possibilitar ao idoso de baixa renda, que convive no núcleo familiar, acesso à moradia digna, adequada às necessidades do seu ciclo vital, garantindo melhor qualidade de vida, participação comunitária e integração social. (Portal do Envelhecimento, 2004).

Idoso que mora em república

As Repúblicas de Idosos de Santos foram criadas em 1991, a partir de parceria
Caderno Temático Kairós Gerontologia 8. ISSN 2176-901X, São Paulo, novembro 2010: 169-193.

do movimento social de idosos, intitulado Pró-Moradia, e Prefeitura Municipal de Santos. Atualmente há quatro casas-repúblicas. A ideia central é fazer do velho um indivíduo portador de direitos e deveres, de autonomia e independência. O idoso deve ter o cuidado com a casa e consigo mesmo. Portanto, a limpeza da república é de responsabilidade de todos, em esquema de revezamento. Cada morador cuida da sua alimentação - fornecimento e preparo. Há, também, pagamento do aluguel simbólico pelos moradores à prefeitura, com divisão de contas de luz, água e gás. A ideia de idosos carentes, dependentes e acamados, é substituída por idosos ativos, saudáveis e protagonistas, como reiteram os agentes da prefeitura, encarregados da implementação e acompanhamento do projeto. E constitui-se um novo sujeito: os moradores das repúblicas de idosos.

No trabalho de Oliveira (2008), constatou-se que em cada república vivem cerca de dez moradores. Em 27 de fevereiro de 2005, eram 35, sendo 23 mulheres e 12 homens. As mulheres têm entre 58 e 98 anos; os homens têm de 61 a 82 anos. O perfil dos moradores é de elevado número de solteiros e solteiras. Aproximadamente 50% dos que vivem nas repúblicas não têm filhos. Grande parte é natural de outras cidades, mudando-se para Santos em busca de emprego, onde exerceram profissões com baixa qualificação.

Idoso que mora sozinho

Nos Estados Unidos, Canadá, Grã-Bretanha e Dinamarca, a tendência predominante nos arranjos familiares da população idosa é de crescimento no número de pessoas que vivem sozinhas (De Voss & Holden, 1988).

De acordo com o IBGE, com 47,7%, o Sul é a região com a maior proporção de famílias do tipo “ninho vazio” (casais sem filhos e pessoas morando sozinhas). O Rio Grande do Sul e a Região Metropolitana de Porto Alegre são locais em que esse tipo de família supera-as com filhos, indicando grau mais elevado de independência dos idosos.

Os Estados de Goiás, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, além das Regiões Metropolitanas de Porto Alegre e Rio de Janeiro, apresentam mais de 15% dos idosos

morando sozinhos. Em geral, são as mulheres que mais moram sozinhas, destacando-se aquelas com mais de 70 anos (todos os Estados das Regiões Sudeste e Sul apresentam proporção superior a 20%, alcançando 28,5% na Região Metropolitana de Porto Alegre). No período de 1995 a 2005 observa-se, no Sudeste, crescimento na proporção de pessoas maiores de 60 anos (homem e mulher) que moram sozinhas (IBGE).

Resultados

Idosos que moram com a família

Idosos que foram morar com os filhos porque não possuíam condições para subsistência referem “morar de favor”.

“Se a casa fosse minha (...) moro com a filha, genro e três netos, desde agosto de 2008, porque estava para ser despejada. Se eu fizesse um barraquinho mesmo no quintal dela, eu me sentiria em casa. Lá estou na casa dos outros, não me sinto bem. Nem fogão eu tenho. Não me sinto à vontade para fazer comida lá. Já fui humilhada pelo meu genro e até pelos meus netos, fiquei em depressão porque ele pôs o dedo na minha cara dizendo que me sustenta. Isso dói demais (...), choro muito. Como queria ter meu cantinho! Para ter liberdade e deitar à tarde no sofá.” (I.C., 62 anos, fem.)

A casa é espaço de apropriação e permanência, lugar da rotina, do viver o dia a dia. Para idosos que residem com os filhos há variação. Idosos, que contribuíram com a compra da casa ou alguma despesa fixa, referem respeito e sensação de serem proprietários do imóvel, o que se aplica a homens e mulheres.

“Minha esposa faleceu, não suportei viver sozinho naquela casa,
Caderno Temático Kairós Gerontologia 8. ISSN 2176-901X, São Paulo, novembro 2010: 169-193.

minha filha estava desquitada, comprou um apartamento, e eu aluguei minha casa e pago o condomínio. A sensação acho que é liberdade, posso cozinhar se quiser, deitar no sofá da sala, ver TV.”
(C.V., 78 anos, masc.)

“A casa é conforto, ser respeitado dentro dela é tudo. Sinto que a casa é minha, posso levar quem eu quero.” (J.S., 78 anos, fem.)

A casa é referência de origem, relações familiares e comunitárias. Lugar de trocas, segurança, estabilidade e auto-reconhecimento, que coloca o sujeito em um tempo e espaço.

Família que mora com o idoso

“Sou caseira, gosto da casa limpa, bem arrumadinha, gosto de ficar em casa. Tive um AVC, morava sozinha, viúva, a filha disse que eu não poderia morar sozinha. Vieram morar comigo a filha, o genro e dois cachorros. Eu não tinha cachorros, e os dela são muito mimados, ficam dentro de casa, e isso me incomoda. Temos gênios diferentes, às vezes batemos de frente.” (J.F.O., 84 anos, fem.)

“Saber que sou a dona da casa, bem-estar de saber que estou dentro do que é meu. Tenho uma filha de ouro, não consigo brigar com ela, com o genro quebramos um pau lascado, às vezes quero ver TV com volume um pouco mais alto porque tenho dificuldade para ouvir, e o genro pede para baixar, então falo para ele fechar a porta do quarto. A gente perde um pouco a liberdade, não é como a gente quer; por outro lado, quando tive o AVC minha filha me socorreu, e gosto muito de conversar, e ela conversa comigo, sinto mais segura com ela aqui.” (L.S., 72 anos, fem.)

Idosos que moram sozinhos

“Gosto de morar na minha casa, estou na minha casa com conforto... Se morasse com os outros seria obrigada a fazer o que não quero.”

(M.M.C., 78 anos, fem.)

“É gostoso, fico sossegada, não tenho amolação de ninguém. Olhar e mexer nas minhas coisas. Tenho liberdade de ver TV, arrumar as coisas do jeito que quero. N-a casa dos outros é diferente. Gosto dos meus cachorros, cuido e converso com eles.” (M.C.S., 72 anos, fem.)

Idosos que moram em ILPI

“Me sentia bem morando sozinho, ainda acho que teria condições para continuar, mas a família quis assim. Gosto de TV, mas não pode ser ligada, e quando ligam me aborreço, porque as meninas querem ver novela e eu futebol e notícias.” (E.F., 87 anos, masc.)

“Sinto-me em casa, todos gostam de mim. Acho que é por causa da minha idade. Não falo ‘não’ para ninguém, e não sou respondona. Não posso mais morar sozinha. Aqui é quase igual à minha casa.” (M.J.F., 101 anos, fem.)

Idosos que moram em albergue

“Se eu estivesse em casa poderia dormir mais tarde. Aqui não sinto que é minha casa; se fechar, não tenho mais onde morar, não tenho segurança. Se tivesse me aposentado, chamaria uma amiga para morar comigo. Tenho medo de morar sozinha, entro em pânico. Meu desejo é ter minha casa.” (M.J.S., 60 anos, fem.)

“Considero como se estivesse em casa, tenho tranquilidade, tomo meus remédios, sou evangélico, leio minha Bíblia e vou me orientando, tocando a vida. Saindo daqui poderia ter uma

companheira. Não quero morar aqui sempre, quando sair minha aposentadoria vou alugar um cômodo e mudar daqui.” (P.R.A., 60 anos, masc.)

Idosos que moram em flat

Constatou-se, na fala dos idosos, o incômodo provocado pela presença de cadeirantes, os quais foram traduzidos como forma de negação e medo, pois sabem que podem ser usuários futuros. Ressaltaram ainda que para viver “comunitariamente” é preciso ter sentimentos de abnegação, renúncia e tolerância.

“Mantenho minha casa com empregada e ligo todos os dias. Tenho vontade de voltar a morar na casa, mas não vou porque me sinto só.” (G.P., 71 anos, masc.)

“A criação de pássaros... Trouxe para o flat bebedouros de pássaros. Todo sábado à noite reunia filhos e netos, era um momento muito esperado. Sempre morei sozinha, gostava da liberdade.” (E.K., 78 anos, fem.)

Idosos que moram em república

“Em primeiro lugar, aqui é meu teto, tenho liberdade de ir e vir. Aqui é barato morar, se tivesse um apartamento não conseguiria manter. Não sou dirigido por ninguém. Faço o que eu quero, é uma liberdade na república, mas sempre respeitando os outros.” (C.M.Q., 79 anos, masc.)

“Aqui tenho liberdade e independência. Se não gostar de alguma coisa é só ir para o meu quarto ou sair. Sinto até falta dos outros moradores quando viajo.” (J.M.G., 80 anos, fem.)

Reflexões

Nas entrevistas se evidencia que fazem o idoso se sentir em casa o poder de decisão, a liberdade e as relações sociais. Para os idosos em que a condição econômica não possibilita a aquisição da casa, “morar de aluguel” e “morar de favor” significam não ter onde morar ou morar no que é dos outros. O aluguel está atrelado à instabilidade econômica, e o favor à convivência forçada com outras famílias ou membros da mesma família, e à ausência de privacidade e liberdade.

Privacidade também interfere no conforto; portanto, na sensação de estar em casa, devendo haver equilíbrio entre os espaços públicos e privados. Muito mais que estar, habitar uma casa parece conter pluralidade de sentidos, que idosos dos diversos tipos de moradia ressaltaram nas narrativas e evocaram de diferentes modos a profundidade das sensações.

Sensações que deverão ser consideradas ao se tomar como foco a questão da moradia em seus múltiplos arranjos.

Seis meses depois...

O que fazer com os idosos que participaram da pesquisa residindo em albergues e tinham o desejo de habitar em uma casa?

Após a pesquisa, profissionais e estudiosos do envelhecimento entenderam a necessidade de se criar uma associação multidisciplinar, com enfoque na moradia para o ser idoso, utilizando o conceito de Saraceno (1999) - “habitar” e não somente “estar” em um espaço físico. Partimos para uma experiência concreta, aproximando os idosos, propondo a possibilidade de moradia compartilhada.

Associação Envelhe-SER

Surge então a Associação Envelhe-SER, gestada em 2005, criada oficialmente em 16 de agosto de 2009, que se consolida a partir de ações que atendem à primeira

finalidade do estatuto, composta de três eixos:

- Propiciar moradia digna ao idoso que não a possui;
- Manter o idoso que mora sozinho em imóvel próprio e que necessita de um apoiador social;
- Realizar manutenções periódicas na moradia do idoso que reside sozinho e sem condições físicas e financeiras.

Mas como viabilizar a locação de uma casa?, a pergunta que logo se colocou. Com as exigências das imobiliárias tornava-se inviável a locação, pois a grande maioria não dispunha de recursos para custeio. Um dos componentes da diretoria da Associação apresentou um familiar que dispunha de imóvel para locar. O contrato poderia ser informal, dispensando a intermediação de imobiliárias.

A casa

Passou-se à segunda etapa: apresentar o espaço aos idosos e obter sua aprovação, para fechar o contrato. Para nossa surpresa, na primeira visita os idosos já manifestaram o desejo de ali permanecer. Naquele mesmo dia providenciamos a mudança dos pertences, ao lado de alguns móveis doados, que compuseram o mobiliário.

A mudança proporcionou experiência ímpar, a real sensação de “ir para casa”.

Não chegaram como turistas em casa estranha, mas organizaram os pertences e opinaram sobre a melhor localização de cada móvel.

Na casa, a maneira como são dispostos seus objetos permite perceber o significado que as coisas têm para seus moradores, pois nesse arranjo há uma expressão eminentemente humana, uma simetria na disposição e exposição de móveis e objetos, cuja ordenação busca a beleza, a atualidade ou a demonstração de valor, elementos essenciais na estética da moradia. (Kairos: M. A. G. 2002: 196)

Acrescente-se o sentimento de pertencer àquele lugar, quando se opina sobre construção e organização.

Viver em uma moradia representa muito mais que o uso de determinado espaço físico, pois é local em que vida, vínculos e laços afetivos são construídos.

A respeito dessa afirmação, Tuan (1980) distingue lugar e espaço. O espaço é considerado qualquer porção da superfície terrestre, enquanto lugar é mundo ordenado, repleto de significados, fechado, íntimo e humanizado.

Mercadante (2002: 18) corrobora esse pensamento com novo conceito de comunidade:

A comunidade se impõe, hoje, como uma possível solução para a resolução de problemas locais, questões específicas de grupos de pessoas nas sociedades urbanas, nas cidades. A ideia de pertencimento, o sentimento de pertencer ao grupo é o que fundamenta a relação social na comunidade. Weber é o autor clássico que explica essa ideia, ao mostrar a comunidade como diferente da sociedade, e tendo em vista que, na última, a relação social encontra-se apoiada numa compensação de interesses que expressam motivos racionais.

Há que se construir redes de suporte social, resgatar o sentido do cotidiano de uma casa, vizinhos e vizinhança, o sentimento de pertencimento a um bairro, a uma vila, a uma comunidade.

O local

A escolha do local se deu pelo fato de duas pesquisadoras residirem e trabalharem em São Bernardo do Campo. Com isso há a sensação do lugar, a topofilia (Tuan, 1980), o calor do lugar. (Sawaia, 1995). Topofilia, para Tuan, é o elo afetivo entre pessoa e lugar, e a pessoa às demais pessoas do lugar. Para Sawaia, para o calor do lugar é preciso mais que familiaridade. Produzem o calor do lugar a segurança e sentir-se 'gente' entre os pares.

Localizado na sub-região Sudeste da Região Metropolitana de São Paulo, distando 21,7km da capital do Estado, o município de São Bernardo do Campo tem 408,45 km², que correspondem a 49,4% da região do Grande ABC.

O município de São Bernardo do Campo apresenta significativa demanda de

idosos, que se deparam com uma situação precária de moradia, em razão do baixo poder aquisitivo e desagregação familiar, entre outros motivos. Esses idosos, apesar de autônomos e capazes de gerir a própria vida, frequentemente, se encontram em situação de isolamento social, sendo a alternativa asilar a única possibilidade de abrigo seguro.

Convivência dos idosos

Acreditar que a convivência com idosos seria harmoniosa ou fácil é crer nos mitos sobre a velhice, que desconsideram a trajetória de vida da pessoa.

Os idosos já não tinham referência do cotidiano de uma casa, e vivenciaram um período de adaptação em que todas as tarefas da casa foram divididas e experimentadas por todos, até o momento em que identificaram o que realmente cada um deveria fazer, contribuindo para a sustentabilidade da casa. Mas surgiram problemas na convivência.

Após o contato inicial, no qual as pessoas se conheciam na convivência diária; houve estranhamentos, intolerâncias e excessos, além de discussões.

Conforme Saraceno (1999), no cotidiano o sujeito se reconhece. E no dia a dia se conheciam. Na teia de relações e significações dão vida ao lugar habitado.

Problemas como a não racionalização no consumo de alimentos, de material de limpeza, de higiene, controle de água, luz e telefone, passaram a ser constantes. Horário tardio de retorno, uso demasiado de aparelhos eletrônicos, a volta para casa após consumir álcool, a recusa em receber tratamento médico e conflitos religiosos motivaram os desentendimentos.

O papel da Associação Envelhe-SER na casa

A Associação não tencionava interferir na dinâmica da casa e tampouco contratar cuidador, enfermeiros ou empregados para os idosos e a casa, o que muitas vezes foi alvo de críticas e questionamentos por outros profissionais, órgãos públicos e sociedade civil. Setores que não compreenderam o sentido de morar “naquela casa” e nem mesmo o resgate do cotidiano. “O cotidiano é construído dia a dia, com o fazer

singular do indivíduo em diferentes contextos sociais dos quais participa”. (Takatori, 2001).

Nesse contexto, a Associação Envelhe-SER acompanha os moradores a partir da manifestação do interesse de residir na casa: a) individualmente, com entrevista para preencher a Ficha de Registro Individual, da qual constam dados de identificação do idoso, preferências, situação de saúde e econômica, o que motivou a procura pela casa compartilhada, se está de acordo em conviver com outros idosos, participar da rotina da casa, promover seu autocuidado. A Associação esclarece que não há fins lucrativos, e que presta serviço de suporte para garantir moradia digna e autonomia aos idosos.

Após o levantamento das necessidades, há: a) encaminhamento para regularização de documentos pessoais, cadastro na rede SUS, benefícios previdenciários e assistenciais; b) no coletivo, organizando reuniões semanais com o grupo a fim de trabalhar a convivência, minimizando conflitos e propondo reflexões do que incide o morar junto; c) com a comunidade, propiciando espaços de socialização e formação de rede de suporte social.

Atualmente, a Associação acompanha quatro moradias compartilhadas, cada uma com sua especificidade.

A Sensação

Sentíamos o cheiro de casa, do preparo dos alimentos. Os moradores se apropriando dos espaços e maior aproximação dos moradores.

Após quatro meses de convivência, questionamos: o que você sente por este lugar?

“A relação com certas pessoas é bacana, todos precisam viver. Se a gente pudesse manter ela direitinho não sairíamos daqui..”

“Um mundo em que qualquer pessoa gostaria de ficar, de viver. Tenho paixão por esta casa.”

“Sinto como se fosse minha própria casa.”

“Aqui está bom. Você faz as suas coisas, lava sua roupa, ninguém mexe, aqui é bom. Na vida nunca tive um lugar.”

“Não posso falar mal, é um lugar que ninguém me ofende.”

“Não tenho o que dizer... Estou bebendo, estou comendo, tenho onde dormir, é uma boa casa, e ajudo a cuidar dessa casa.”

“A casa é boa. Acho que todos se sentem bem, converso com todos.”

Hoje

Atualmente, os idosos se encontram em outro imóvel, cujo contrato de locação foi firmado por um idoso, com recurso próprio, afiançado pela Associação Envelhe-SER.

Após um mês da mudança, ratificaram os residentes:

“Aqui é gente como a gente, crianças brincando na rua, os vizinhos vêm conversar, e até o caminhão de frutas passa por aqui.”

Percebe-se o sentido da moradia para os idosos, em que referem sossego, tranquilidade de ter onde morar, o sentido de viver naquele lugar.

Em cada visita a casa, descortinam-se, nos diálogos, sonhos, venturas, tensões, que organizam as relações sociais e permeiam o viver cotidiano.

Referências

Born, T. & Boechat, N.S. (2006). *A qualidade dos idosos institucionalizados*. In: Freitas, E.V.; Py, I.; Neri, A.L.; Cançado, F.A.X.; Gorzoni, M.L. & Rocha, S.M. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan: 1131-41.

- Bueno, S. (2007). *Minidicionário da língua portuguesa*. (2ª ed.). São Paulo: FTD.
- Camarano, A.A. & El Ghaouri, S.K. (2002, nov.). Famílias com Idosos: ninhos vazios? *XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*. Ouro Preto (MG).
- Camarano, A.A. (2002). Brazilian population ageing: differences in well-being by rural and urban areas. IPEA. *In: Texto para Discussão n.º 878*. Rio de Janeiro.
- Certeau, M. (1994). *A invenção do cotidiano*. São Paulo: Vozes.
- De Vos, S. & Holden, K. (1988). Measures Comparing the Living Arrangements of the Elderly. *In: Population and Development Review*, 14(4): 688-704.
- Domingos Filho, P. & Santos, J.A. (2001). *Apresentação de trabalhos científicos*. (Monografia TCC-Teses-Dissertações). (6ª ed.). São Paulo: Futura.
- Donini, M. (2006). *Habitat: a sua imagem e semelhança*. São Paulo: Globo.
- Eco, U. (2007). *Como se faz uma tese*. (21ª ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Ferreira, A.B.H. (1986). *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fernandes, F.S.L.; Raizer, M.V. & Bretãs, A.C.P. (2007, set.-out.). Pobre, idoso e na rua: uma trajetória de exclusão. *Rev.Latino-Am.Enfermagem*, 15(n.º especial).
- Filizzola, M. (1972). *A velhice no Brasil: etarismo e civilização*. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes e Cultura.
- IBGE. Web, encontrado em 28, setembro 2007, em:
http://www1.folha.uol.co.br/folha/cotidiano/2001-brasil-seculo_20.shtml.
- IBGE. *Índices de indicadores sociais* (2009). Encontrado em março 2009, em:
www.ibge.gov.br.
- Kmeteuk Filho, O. (2005). *Pesquisa e Análise Estatística*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- Kujawski, G.M. (1988). A crise do cotidiano. *In: A crise do século XX*. São Paulo: Ática: 31-61.
- Mercadante, E.F. (2002). Comunidade como um novo arranjo social. *Revista Kairós Gerontologia*, 5(2). NEPE/EDUC/PUC-SP.
- Mason, K.O. (1992). Family change and support of the elderly in Asia: what do we know? *In: Asia-Pacific Population Journal*, 7(3).
- Minayo, M.C.de S. (2000). *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. (7ª ed.). São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco.
- Neri, A.L. (2001). *Palavras-chave em Gerontologia*. Campinas: Alínea.
- Oliveira, J.L. (2001). *A vida cotidiana do idoso morador de rua: as estratégias de sobrevivência da infância a velhice - um círculo de pobreza a ser rompido*. (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: Serviço Social, Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Oliveira, G.da S.D. (2008, ag.). *Produção da diferença nas Repúblicas de Idosos de Santos (SP)*. (Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder). Florianópolis.
- Palloni, A. (2001). Living arrangements of older persons. *In: Population Bulletin of the Caderno Temático Kairós Gerontologia* 8. ISSN 2176-901X, São Paulo, novembro 2010: 169-193.

United Nations. Special Issue, 42/43.

Papaléo Netto, M. (2007). *Tratado de Gerontologia*. (2ª ed.). São Paulo: Atheneu.

POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO, Lei n.º 8.842 de 04 de janeiro, artigo 3º, regulamentado pelo decreto n.º 1.948 de julho de 1996.

Portella, M.R. & Bettinelli, L.A. (2003, julho-set.). Humanização da velhice: reflexões acerca do envelhecimento e o sentido da vida. *O mundo da Saúde*, 27(3) (ano 27). São Paulo: Editora do Centro Universitário São Camilo.

Saraceno, B. (1999). *Libertando identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível*. Rio de Janeiro: Te Cora/Instituto Franco Basaglia.

Sawaia, B.B. (1995). *O calor do lugar: segregação urbana e identidade*. *São Paulo em Perspectiva*, 9(2). São Paulo: 20-4.

Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas. (2003). *Estudos dos usuários dos albergues conveniados com a prefeitura*. São Paulo (SP): SMADS/ FIPE.

Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG). *Manual de Funcionamento para ILPI*, São Paulo. (Biênio 2002/2003).

Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG). (2007). Carta Aberta sobre ILPIs. Encontrado em junho, 2008, em: <http://www.sbgg-sp.com.br/noticias/noticia006.htm>.

Takatori, M. (2001, out.-dez.). A Terapia Ocupacional no processo de reabilitação: construção do cotidiano. *O Mundo da Saúde*, 25. São Paulo: Editora do Centro Universitário São Camilo: 371-7.

TUAN, Yi-Fu. (1980). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel.

www.portaldoenvelhecimento.net, abril 2004, acessado em março 2009.

www.portaldoenvelhecimento.net, junho 2006, acessado em março 2009.

Recebido em 20/10/2010

Aceito em 20/11/2010

Ana Carolina Lopez da Silva – Mestre em Gerontologia pela PUC-SP. Especialista em Fisioterapia em Clínica Médica pela Unifesp. Fisioterapeuta graduada pela PUC-MG. Atualmente fisioterapeuta do Hospital das Clínicas de Minas Gerais e do Hospital São Francisco.

E-mail: anacarolina_lopez@yahoo.com.br

Gisnelli Bataglia Mincache – Mestre em Gerontologia PUC-SP. Especialista em Tecnologias da Informação e Comunicação em Educação. Graduada em Tecnologia em Informática. Atualmente Professora de Informática para Seniores em faculdades para terceira idade.

E-mail: gisnelli@gmail.com

Maria Aparecida de Souza Rosa – Mestre em Gerontologia PUC-SP. Assistente Social e Enfermeira. Atualmente Assistente Social do Centro Dia do Idoso de São Bernardo do Campo.

E-mail: msouzarosa@gmail.com

Vanessa Idargo Mutchnik – Mestre em Gerontologia, PUC-SP. Terapeuta Ocupacional e Especialista em Administração Hospitalar-UNISC. Supervisora do Serviço de Residência Terapêutica de Ermelino Matarazzo-ASF/SMS-SP.

E-mail: vidamut@uol.com.br